

Lembranças da morte na cidade de Goiás: o cemitério de São Miguel

Deuzair José da Silva

Professor da Universidade Estadual de Goiás, Iporá,
Doutorando em História pela Universidade Federal de Goiás

Resumo: Este artigo trata da criação do Cemitério de São Miguel, na cidade de Goiás, cobrindo a trajetória e as estratégias percorridas pelos proponentes, explicitadas nas doutrinas higienistas, numa mudança de sensibilidade coletiva com a separação dos espaços entre vivos e mortos e que culmina na secularização crescente dos rituais em torno da morte.

Palavras-chaves: Cemitério; Lembranças; Goiás (cidade); Século XIX.

Abstract: This article discusses the beginning of São Miguel Cemetery, at the city of Goiás, itsvprophilatic paths as a kind os colective change in terms of sensibility about the difference between alive spaces and dead spaces. In this sense, we discuss some secularized rites concerning the death.

Keywords: Cemetery; Remembering; Goiás; 19th. century.

Resúmen: Este articulo trabaja con la creación del Cementerio de São Miguel, ciudad de Goiás, su sentido e las estrategias profilaticas. Se trabaja con las transformaciones de sensibilidad, la partición de vivos y muertos y la secularización de rituaies que tratan de la muerte.

Keywords: Cementerio; Recuerdos; Goiás; Siglo XIX.

MEU ADEUS A VIDA

MORTA SEREI ARVORE
SEREI TRONCO, SEREI FRONDE
E MINHAS RAIZES AGARRADAS
ÀS PEDRAS DO MEU BERÇO
SÃO AS CORDAS QUEBRADAS
DE UMA LIRA.
ENFEITAR DE FOLHAS VERDES
A PEDRA DE MEU TUMULO
NUM SIMBOLISMO DE VIDA
VEGETAL.
NÃO MORRE AQUELE

QUE DEIXOU NA TERRA
A MELODIA DE SEU CANTICO
NA MÚSICA DE SEUS VERSOS

CORA CORALINA
AGOSTO DE 1889
10-04-1985¹

A pesquisa sobre a morte em Goiás é um tema que tem me instigado e desafiado já há algum tempo. Os poucos estudos sobre o mesmo dificultam o trabalho, mas também estimula diante de cada descoberta. Neste pequeno ensaio proponho um estudo do Cemitério de São Miguel da cidade de Goiás, primeiro a ser edificado no território goiano. Minha perspectiva é de que os cemitérios possibilitam uma interlocução com os estudos voltados à memória. As construções, decorações, epitáfios, fotos, bustos mostram como o morto e a morte é tratada pela comunidade. É espaço dos mortos, para ser visto pelos vivos. A arte tumular e os epitáfios carregam consigo expectativas e, também, de certa forma uma eternização de uma existência. Existência particular, mas que tem a capacidade de traduzir o estilo de vida do grupo.

Os estudos de caso têm, nos últimos anos, ocupado grande espaço na produção histórica. São exemplos os trabalhos de Natalie Zemon Davis, Carlo Ginzburg e outros. Estes trabalhos acompanham uma mudança em curso que se verifica mais claramente a partir dos anos oitenta com o renascimento da narrativa (Vainfas In Cardoso e Vainfas, 1997: 147-8).

No decorrer do século XIX a doutrina sanitaria vive o auge. O discurso em voga nos meios médicos refere-se à necessidade das cidades empregarem todos os esforços no sentido de combater e melhorar o quadro sanitário das mesmas. Objetiva-se com isso combater as epidemias e melhorar a qualidade de vida dos seus habitantes. Na última metade do século o discurso ganha mais força. Um dos principais alvos das críticas dos membros da saúde era o sepultamento no interior das igrejas. Costume antigo e já estudado, que por isso mesmo não entrarei no mérito do assunto. A criação de cemitérios extra-muros das cidades entra na ordem do dia. Os debates tornam-se acalorados a favor e contra a idéia.

O século XIX marca o aparecimento de um novo elemento na geografia urbana das cidades brasileiras. Antes do início da colonização americana, ainda na Idade Média os sepultamentos tinham sido agregados aos arredores das igrejas e/ou no seu interior. Perdem a sua identidade e as características da Roma antiga. Os seus traços já não são visíveis. Renasce bem diferente do mundo antigo, “*o cemitério de hoje não é mais a reprodução subterrânea*

do mundo dos vivos que era na Antiguidade, mas sentimos bem que ele tem um sentido” (Ariès, 1982: 519). Os de agora – séculos XIX e XX – e seus monumentos seguem um lugar antes ocupado pelas igrejas. É preciso recordar que os cemitérios são transformados em lugares bentos e que isto tem de ser conservado, diante da ameaça do retorno do seu controle pelo demônio. Não fica difícil compreender a resistência ou a hesitação em transferi-los para longe dos centros urbanos. Zona sagrada dos mortos e terreno propício a infecções e doenças são as teses em que debatidas em torno da mudança dos lugares de inumação (Ariès, 1982: 518-9).

O crescimento urbano, a maior circulação de informação e as críticas que vinha sofrendo a Igreja – muitos pregavam a necessidade da separação entre Estado e Igreja, justificando que esta deveria cuidar estritamente dos assuntos sacros – certamente contribuíram para o fortalecimento dos princípios médicos. Minha hipótese é de que isto indica a gestação de um novo comportamento frente à morte – a laicização –. Esta não significou o abandono das questões religiosas, evidenciado na presença de elementos característicos no interior dos cemitérios. Por outro lado, o edifício tumular e as inscrições neles contidas, é certamente a busca de perpetuação da memória. Aqui, revela-se o traço eminentemente humano, porque esta é para ser lembrada e vista pelos vivos. Não quero dizer que a religião não faça uso da memória, ao contrário, o cristianismo recorre constantemente à memória e a história em seus ensinamentos.

Província distante, mas não isolada dos grandes centros, Goiás também vive as mudanças em curso. O presidente da província Francisco Ferreira dos Santos Azevedo propõe no ano de 1842 à Assembléia Provincial a criação de um cemitério para a capital, que receberá o nome de São Miguel.

Não podendo a Camara Municipal desta Cidade construir pelas suas rendas hum Cemitério, continua se a enterrar os Corpos dos desgraçados no Campo da Forca, aonde naó há nem se quer huma cerca, que vede a entrada dos porcos, que continuamente entaó a fossar as sipulturas, de maneira que as vezes chegaó a apparecer os mesmos corpos, exalando sempre, e principalmente quando o Sol esta mais ardente, hum fétido terrível, o que na verdade he bem prejudicial. Para evitar a continuação destes terríveis inconvenientes peço-vos mui encarecidamente Decreteis desde ja a quantia de 200U000 reis, para formar hum Cemiterio em lugar proprio, para o qual seraó transferidos os ossos, que existirem no Campo da Forca, se elle naó for ali mesmo estabelecido fazer, com tudo naó me animo a pedir maior, naó só por conhecer o estado de nossas Rendas, como por estar certo de que naó faltará quem concorra para huma obra taó justa. Este Cemitério deve ficar a cargo do Hospital de Caridade, para

nelle se enterrarem os Corpos dos desgraçados, e mesmo para outros quaesquer, mediante uma módica quantia, marcada pelo Governo Provincial, beneficio do mesmo Hospital (Memórias Goianas 3, 1986:209-10).

O conteúdo do pedido citado é um rico filão das condições higiênicas e sanitárias de nossas cidades à época. Os miasmas e o cheiro pútrido dos cadáveres em decomposição incomodavam a todos. Em muitos casos as covas rasas e a falta de cercas como afirma o Presidente da Província faziam com que a ação de animais deixasse restos de corpos à mostra, um espetáculo tétrico aos olhos e muito nocivo a saúde. Será sobre situações como esta que os médicos justificarão suas medidas sanitárias e a exigência do fim dos sepultamentos intra-muros. Tarefa com certeza difícil diante de um costume já fortemente arraigado pelas pessoas.

Chama atenção, também, no pedido do Presidente um dos componentes do imaginário da época: o sentimento de piedade cristã para com os mortos, bem como, a expectativa de caridade por parte de todos na empreitada de construção do cemitério. As fontes estudadas até o momento não permitem afirmar se o presidente conclamou, de fato, a população para ajudar na construção. Neste mesmo raciocínio pode-se aventar que os cofres públicos provinciais, assim como o da Câmara estavam passando por dificuldades, a julgar pelo apelo à caridade das pessoas. Percebe-se também que a estrutura administrativa não era das mais aperfeiçoadas, tendo em vista entregar a administração do referido cemitério ao Hospital de Caridade de São Pedro de Alcântara, bem como, demonstra a influência que a Igreja ainda possuía.

A economia provincial segue crescendo em ritmo lento. Os estudos sobre a economia goiana no período são discordantes. Para alguns autores logo após a escassez do ouro, Goiás teria passado por uma forte decadência, para outros essa decadência deve ser relativizada. Estes últimos fazem o seguinte questionamento: como falar em decadência para uma capitânia que nunca foi assim tão próspera. No século XIX, as alterações não são grandes a pecuária e a lavoura de subsistência é a base econômica da época.

Voltando à questão sanitária, Goiás não diferia das demais províncias. Já nos anos trinta uma leitora do jornal *Matutina Meiapontense* que circulou por alguns anos desta década escrevia ao redator solicitando a sua intervenção e apoio por ser este um importante meio de comunicação da época. Com o pseudônimo de Roceira Zelosa conclamava o jornal para que chamasse a atenção sobre os problemas dos miasmas cadavéricos e da insalubridade das igrejas com os sepultamentos nos interiores e proximidades destas.

FEDIA-SE POR TODA A IGREJA

No dia 2 de Novembro do corrente ano, dia em que se celebram os Divinos ofícios pelas almas dos nossos fiéis defuntos, me achei na Catedral dessa Cidade de Goiás para enviar as minhas orações ao Todo Poderoso, e ele as distribuir pelas almas quando de improviso me vi atacada do mais execrando fedor, que fedia-se por toda a igreja (Teles, 1989: 122).

A manifestação fala por si só. Continuando o debate com a leitora pode-se perguntar o que motivou o seu repúdio a uma situação por demais corriqueira naquela época? Não encontrei nada ainda em particular que pudesse estabelecer alguma ligação com os protestos destacados, a não ser o fato de estar em voga os princípios higienistas propagados pela medicina social, que crescerá muito no decorrer do século. Acredito tratar-se de uma pessoa de algumas posses pela maneira de referir às demais senhoras que lhe acompanha nas orações e também porque a leitura era um privilégio de poucos. O fato de ter acesso a jornais e a outras informações e assuntos em voga, pode daí ser uma das razões da sua postura. O Jornal não informa maiores detalhes sobre a remetente. A sua identificação poderia nos permitir avaliar de onde provém e poder entender a sua adesão ao movimento higienizador, que crescia na sociedade. Mas não deixa de ser uma posição inusitada e/ou até à frente de sua época, mesmo não tendo ainda índicos que me permitam afirmar que o movimento de criação dos cemitérios em Goiás tenha enfrentado ou não oposição dentro da população.

Ademais, a questão é também de ordem social, preocupada com o grande fluxo de vagabundos e indigentes perambulando pelas ruas. A classe dominante busca meios de se proteger e garantir sua posição. Transfere ao poder público o controle da situação, mas também o ônus da repressão. São mudanças importantes na estrutura social que implica uma nova relação no jogo de poder. O Estado a cada dia amplia os seus tentáculos e que se consolida ao longo da república, rompendo devagar as heranças patrimonialistas herdadas da colônia. Mas isso não significa alterações radicais no status quo social que mantém praticamente intacta as relações de classe e os privilégios das classes dominantes reforçadas pela divisão entre livres e escravos. No decorrer da segunda metade do século a luta contra escravidão cresce, possibilitando alterações na composição social. Deixo claro que a discussão em torno da escravidão não é meu objetivo, mas tão somente mostrar como a hierarquização atravessava de alto a baixo todos os setores e campos da comunidade.

As disposições higiênicas vividas no Império fazem parte deste amplo processo de mudanças que vem desde a independência com uma progressiva atuação, burocratização e regulamentação por parte do Estado. Isto altera de algum modo o cotidiano das pessoas, impondo novas regras de sociabilidade.

Vale lembrar que estas não se estabelecem por mão única, o grupo também impõe suas vontades. Longe do consenso, as alterações são frutos do conflito. É aquilo que Homi Bhaba chama do entre-lugar (Bhaba, 2001: 70-104). É aí que se dá o novo, a cultura de um povo. A propósito destas alterações nos fala Moraes:

Podemos observar, partindo da Lei de 1828 e das Posturas Municipais de Goiás, de 1830, o aumento das preocupações com os odores sociais e urbanos. O trabalhador é disciplinado para perceber o fedor da água estancada, do cadáver e da carniça pelos perigos inerentes aos mesmos. O Hospital de Caridade de São Pedro de Alcântara encarrega-se do cuidado com o obcecante charco humano transferindo para o espaço público da cadeia pública, das praças e das ruas, as estratégias sanitárias experimentadas no espaço privado (Moraes, 1995:57).

As palavras de Moraes são elucidativa daquilo que estou debatendo. São questões que estão imbricadas no conjunto de mudanças do período. As doutrinas sanitaristas e a criação dos cemitérios secularizados é tão somente uma célula.

PARTE OFFICIAL
PRESIDÊNCIA DA PROVÍNCIA
EXPEDIENTE

26 de Agosto

- Resolução. O presidente da província resolve nomear uma comissão composta do procurador fiscal da thesouraria das rendas provinciales – Antonio Gonsalves Dias, do Capitão Ignácio Xavier da Silva, membro da junta de Caridade, do tenente coronel Antonio José de Castro, do capitão Joaquim Manoel da Chagas Artiaga e de Joao Parode para proceder aos convenientes exames no cemitério da capital, que a pouco foi concluído e entregue pelo empresário o tenente coronel José Rodrigues de Moraes, a fim de emitir o seu parecer sobre o grão de solidez e perfeição d’aquella obra, avaliando ao mesmo tempo a despeza total, que deve ter feito o empresário com a construção do dito cemitério, para que se possa cumprir o disposto no art. 5º § 7º da lei provincial nº 11 de 9 de novembro de 1857. – Fação-se as necessarias comunicações. – Communicou-se aos nomeados, dizendo-se-lhes que espera de seu zelo o satisfatório desempenho da dita incumbência.”²

² GAZETA OFFICIAL DE GOYAZ. Ano I. nº 40. Sabbado 6 de Outubro de 1858. p.4. Exemplar microfilmado existente no IPEH-BC. Goiânia-Go.

Preocupação normal por parte de um administrador público competente. Infelizmente não são citadas as profissões ou formação dos mesmos que permitiria analisar melhor a capacidade de exame da obra por parte da referida comissão. O cemitério de São Miguel é inaugurado em 1858. Mas os vínculos com a Igreja não foram totalmente rompidos, haja vista que este ficou primeiro a cargo do Hospital de Caridade de São Pedro de Alcântara administrado pela Santa Casa de Misericórdia.

Capítulo 1º

Do cemitério

Art. 1º A inspeção e a administração do Cemitério fundado nesta capital comete a Junta do Hospital de Charidade de São Pedro d'Alcântara ao qual fica pertencendo a receita de estabelecimento com a obrigação de fazer as despesas necessárias á sua manutenção na forma da citada Resolução nº 11 de 29 de Julho do ano passado.”³

Em 1925 o município assume definitivamente o controle administrativo do cemitério na gestão do interventor municipal Dr. Agenor de Castro. A sociedade como um todo caminha lentamente rumo a uma maior secularização. Não quero dizer aqui, que isto signifique um rompimento total com a Religiosidade. Esta ainda continua a ter forte presença no nosso meio. Não acontece aqui o abandono dos preceitos religiosos, a secularização atinge basicamente o aspecto administrativo. No mais a religião continua tendo forte influência. A presença de cruzes, de imagem de anjos e de santos nos túmulos, de epitáfios de cunho idêntico denota isto. A presença da capela ao fundo constitui também uma evidência do peso da religião. Vale destacar que com a ampliação do cemitério, hoje a capela está localizada basicamente no centro do mesmo.

A planta espacial do cemitério de São Miguel reflete uma sociedade hierarquizada socialmente. A chaga dos atritos entre livres e escravos interfere, tendo “presença” até mesmo no outro lado da vida. Ao prever localizações distintas para cada membro de acordo com sua posição social.

Ao estabelecer locais distintos de inumação para livres e cativos a lei nada mais fazia do que ratificar uma legislação que já continha em seu bojo a separação. Separação esta não como algo alienígena, mas dotada de toda uma instrumentalização jurídica dentro do direito moderno.

³ Fonte: Livro 1º de Regulamentos expedidos pelo Presidente – 1858... Ano 1859. Regulamento para Cemitério. P. 10. Arquivo Histórico Estadual. Nº Atual do AHE: 380. Goiânia-Go.

A distribuição de quadras de acordo com a condição social do indivíduo torna claro que as estratégias de luta e debate pelo poder atravessa o material para atingir o espiritual, estando na ordem do dia e imbricadas no tecido coletivo. Os instrumentos de luta são desiguais, até porque a uma parcela da mesma é negada qualquer intervenção legal. A segmentação social contida na disposição espacial do cemitério mostra uma sociedade bastante hierarquizada e também como a escravidão estava arraigada no corpo social. Se não podemos afirmar ou negar a existência de grandes fortunas em Goiás, certamente encontramos fortes diferenças de classe que se revelam cristalizadas e fortemente introjetadas por todos.

A espacialização revela também que as ordens terceiras, apesar do contínuo processo de secularização e perda das suas funções e importância, ainda tinha um peso interessante na vida da comunidade. Fazer parte de tais associações eram garantias de sufrágios e do cumprimento dos rituais necessários a uma boa passagem para a outra existência. Mesmo para aqueles que tivessem algum débito, não era comum a recusa por parte de seus membros em cumprir todo o aparato contido em seus compromissos.

As quadras prevêm também espaços distintos para crianças e adultos. A associação da imagem dos menores com os anjos já um costume antigo, mas certamente influenciou nesta atitude. A morte de um menor também nega o princípio “natural” da vida, onde este ainda dispõe de toda uma existência pela frente. A velhice pelo contrário é sinal de fim, do encerramento do ciclo. Quero adiantar que a questão sobre o enterro de menores constitui um assunto que quero retomar em estudo posterior com maior acuidade teórica e empírica, que neste trabalho devido à exigüidade do tempo não foi possível.

Morrer em Goiás também não era barato a julgar pelos preços dos terrenos previstos. Algumas famílias gastavam uma boa parte dos bens na execução de todas as etapas previstas para um bom sepultamento. A julgar pelo Compromisso da Irmandade do Rosário da Cidade de Meiaponte, atual Pirenópolis, a morte era um acontecimento pomposo, em que se faziam gastos razoáveis.

§ 4º Outro sim será a mesma Irmandade obrigada a acompanhar á sepultura todos os Irmãos de Compromisso, e conduzi-los no Esquife da Irmandade; assim como suas mulheres e filhos ate a idade de quatorze annos, e igualmente acompanhará aos officiaes, e Irmãos de Meza, que no anno servem á mesma Irmandade, sendo conduzidos no Esquife da mesma.⁴

Mesmo para aqueles que não dispunham de muitas posses não lhes era negado os sufrágios mínimos a uma boa morte. Vários testamentos examinados comprovam também os altos gastos dos funerais: missas, gastos com ceras, hábito a ser envolvido na inumação, cortejo e outros. Algumas pessoas chegavam a pedir a execução de dezenas de missas para sua alma, de parentes, amigos e outros.

Verba terceira= No dia do meu fallecimento serão ditas trez Missas de Corpo presente, e mais cinco em quais quer dos seguintes applicadas em satisfação das minhas culpas; e alem destas mandarão dizer mais huma pelas de meus Pay e mayores desta linhagem. Outra pela alma de minha may, e de meus avôz e parentes deste, huma pelas almas de meus Padrinhos, Mestres, Benfeitores e Amigos falecidos, outra pelas almas de todos aquelles com quem tive negocio, e para que os meus Testamenteiros posção executar o que acabo de os insinuar concedo ao dito meu Testamenteiro ou Testamenteiros o tempo que lhes for necessário.⁵

Ao longo do século percebe-se uma diminuição das questões religiosas nas disposições testamentárias, que pretendo incursionar em outro momento. Tantas e missas e sufrágios pode ser também uma busca de permanecer na memória da sociedade? Acredito que sim. Estar nas lembranças de amigos e parentes é sinal de que estes estariam buscando a intercessão da corte celeste em seu favor. Tal hipótese parece corroborar detalhes encontrados nos epitáfios como as inscrições “P.N. A.M.”. “*As lápides menos eruditas, mais populares, que chegam ao princípio do século trazem nos cantos as letras P.N. – A.M. que é o apelo de piedade ao visitante para rezar um padre-nosso e uma ave-maria*”. (Valladaress, 1972: 1298). Valladares afirma ainda que no início do século passado ao lado das inscrições religiosas surgem outras de cunhos livres e em muitos casos o abandono de conteúdos sacros. Para este pesquisador é “*marca registrada da secularização*” de acordo com suas próprias palavras. Creio que a tese deste estudioso é plausível e que merece um aprofundamento teórico, que possa inclusive clarear e propiciar um debate mais rico sobre o assunto. Continuando acredito que caba a pergunta: o que é epitáfio? De acordo com a professora Almeida:

A origem da palavra de Os epitáfios são, regra geral, textos gravados em lousas tumulares, entretanto na Idade Média era um gênero literário, nem

⁵ Testamento do Capitão Braz Alvares de Castro no Arraial de Anicuns. Livro de Testamento – 1842-52 de Goiás, folha 2. Exemplar fotocopiado existente no IPEH-BC. Goiânia-Go.

sempre usado de fato, na ornamentação tumulária. A origem semântica do termo é do grego e é assim formado: o prefixo EPI designa posição superior e o radical TAFOS significa túmulo. Podemos entender os epitáfios como escritas de um grande livro (Almeida, 2007: 303).

O pedido de oração contida neste epitáfio não é só como uma questão religiosa, mas também de memória. As informações com as datas de nascimento e morte contida na inscrição tumular completam o quadro dessa rememoração por parte de quem visite esta sepultura. Ao mesmo tempo, que um lugar de esquecimento, o cemitério é a partir de suas inscrições, de seus epitáfios e de sua arte tumular um lugar de memória. Estas lembranças constantemente ativadas pelos seus membros tornam-se um elo muito importante da formação social em estudo.

Le Goff enfatiza que há tempos os nomes de pessoas de destaque eram lembrados nas missas e já no século IX com a atuação de Cluny foi instituída uma festa anual em memória dos mortos, em 2 de novembro. Separados do mundo dos vivos, os mortos são rememorados e lembrados. Mostra também que o surgimento de um terceiro ambiente no pós morte, o purgatório dá uma outra dinâmica na memória dos mortos. Situado entre o paraíso e o inferno este era um local ocupado por aqueles que não haviam atingido a pureza total, sem, no entanto, serem condenados à desgraça total representada pelo inferno. E de onde se podia atingir o paraíso com missas, orações, esmolas, etc. Intensificase assim atuação dos vivos em benefício da memória dos mortos. Infiro que neste caso os epitáfios têm um papel muito importante. É através destes que os mortos estão sempre na memória dos vivos pedindo que estes intercedam em seu favor (Le Goff, 1994: 448).

Creio poder aqui propor a hipótese de que isto explica os materiais muitas vezes escolhidos na sua elaboração: pedras, mármore, metal, etc., e assim ser lembrado eternamente. Temos neste ponto uma contradição: estabelecido como um lugar de esquecimento, que os vivos renegam por diversos motivos o cemitério se transforma num formidável espaço de rememoração. Ele é agora um lugar dos vivos. O cemitério prende-se deste modo ao presente, um lugar de lembranças, enfim de memória. A doutrina cristã desde cedo destaca a importância da recordação e da memória em seus ensinamentos. Guardar e lembrar as leis de Deus é uma pré-condição essencial para um bom cristão. Ainda de acordo com Le Goff a religião adentra na memória, são muitos os apelos à memória nos ensinamentos cristãos e usando de suas próprias palavras “mais historicamente, o ensino cristão apresenta-se como a memória de Jesus transmitida pela cadeia dos apóstolos e dos seus sucessores. [...] O ensino cristão é memória, o culto cristão é comemoração” (Le Goff, 1994: 445).

Na Idade Média Agostinho faz um grande trabalho de uso da memória pelo cristianismo. São vários os momentos rememoração, alguns como: o natal tem mais proeminência. Entre os populares, aos poucos cresce as lembranças em torno da memória de santos e mártires. A oração para os mortos logo passa a ser incorporada pela Igreja, ao mesmo tempo em que cria fórmulas de perpetuar a memória de alguns destes homens. A memória é também poder, a instituição destas, lógico não é algo aleatório, elas influenciam diretamente no modo de viver do grupo. O crescimento das inscrições tumulares é uma consequência direta disto e daí posteriormente para o cemitério foi um passo. O cemitério passa também a ser um lugar cristão. Morte, cristianismo e memória caminham lado a lado (Le Goff, 1994; 445-7).

A comemoração dos santos tinha em geral lugar no dia conhecido ou suposto do seu martírio ou da sua morte. A associação entre a morte e a memória adquire com efeito e rapidamente uma enorme difusão no cristianismo, que a desenvolveu na base do culto pagão dos antepassados e dos mortos (Le Goff, 1994: 447).

Vale assinalar que esta rememoração é muito importante na existência de todos. Cada pormenor por mais insignificante que possa parecer dá sentido às suas vidas, sendo através destas que se consegue “apagar” o passado, contê-lo e impedi-lo de atuar no presente. “*A tradição histórica das lembranças é, em suma, essa dinâmica das ações da memória e do esquecimento, de conservação e de destruição*” (Mastrogregori In Malerba, 2006: 73). A lembrança é viva, objeto de constante re-elaboração por parte de seus membros. Não é um passado puro e simples, implica uma reconstrução criativa e nova. Ela é, reorganizada e sintetizada, dando um significado novo para o pensamento, diferente de qualquer outro animal. É nisto que a memória se transforma num particular do ser humano. Ainda que reconheça que preciso de uma maior envergadura teórica e das influências do grupo ao qual o indivíduo pertence e, portanto, do papel do coletivo, me atrevo aqui levantar a hipótese de que a relação deva ser entendida de forma dialética: indivíduo x coletivo. O real se constrói neste embate. Real igual: memória coletiva: “o presente depende em muito do passado, mas a retenção e reconstrução do passado se dão no presente e nele estão ancoradas, pelo qual, entre outras consequências, existirão sempre, simultaneamente, ‘memórias herdadas’ e ‘memórias inventadas’” (Cardoso, 2005: 20).

Voltando a contradição levantada acredito que se possa dizer que algumas das razões de um lugar supostamente de esquecimento se transformar em lugar

de memória está em que ele se transformou em local histórico, de rememoração, de unidade. Muitos ali enterrados serão lembrados pela sociedade como exemplo a ser seguido, úteis na agregação do grupo. Aqui se percebe a importância da memória para a comunidade, mas também é preciso frisar os esquecimentos e silêncios explicitadores dos meios que esta usa para estabelecer a memória coletiva. O passado tem aqui uma participação ativa, uma atuação que contribuirá para permanência ou extermínio (Mastrogregori in Malerba, 2006: 72).

O conceito de memória é muito debatido e neste trabalho vou omitir esta discussão, embora saiba perfeitamente que numa retomada de maior envergadura não vou poder fugir. De acordo com Le Goff a palavra memória “*mémòire*” surge na Idade Média e de para cá o vocábulo alarga e toma o seu significado atual (Le Goff, 1994: 460-6).

Na prática o cemitério é parte constitutiva da cidade, de um tempo dado, de uma construção humana, um habitat. Uma construção que permite a inteligibilidade do grupo. Estou aqui tentando aplicar as posições de Ricoeur quando este estuda o espaço habitado. Para ele, é na cidade que melhor se observa a faina do tempo no espaço e do cumprimento de comemorações e rituais que as une.

A cidade se dá ao mesmo tempo a ver e a ler. O tempo narrado e o espaço habitado estão nela mais estreitamente associados do que no edifício isolado. A cidade também suscita paixões mais complexas que a casa, na medida em que oferece um espaço de deslocamento, de aproximação e de distanciamento. É possível li sentir-se extraviado, errante, perdido, enquanto que seus espaços públicos, suas praças, justamente denominadas, convidam às comemorações e às reuniões ritualizadas (Ricoeur, 2007: 159).

Retomando o eixo do debate: o cemitério é assim um espaço dual: esquecimento e lembrança andam juntos. Se a morte é apontada como esquecimento, o desaparecimento, os epitáfios e a arte tumular dão a estes a memória. De certa forma uma imortalidade. São indivíduos que não estão entre nós, mas recolocados em nossa existência, e o mais importante sempre a partir de um modo que nega a própria morte. Os conteúdos dos epitáfios são como uma alusão à vida.

“Á MEMÓRIA
DE MEU IRMÃO
JOSE DE ST’ANNA
XAVIER DE BARROS.

NAPOLEÃO DA SILVA ROSA
* 27 – 7 – 1895
† 14 – 12 – 1924

NASCIDO A 26 DE JULHO
DE 1855 Á ETERNA MEMORIA DE
FALLECIDO A 2 DE AGOSTO SEU EXTREMOSO ESPOSO
DE 1883 ESTE PREITO DE AMOR CONJUGAL
TRIBUTU DE AMOR FRATERNAL”⁶

Nos dois epitáfios se percebe essa busca de uma “imortalidade” através da memória, se o irmão ou a esposa não estão presentes no local de inumação, se fazem através das inscrições. Aquele que está ali enterrado “consegue” assim estar sempre na memória dos vivos, revivido. O epitáfio é também uma negação de si mesmo, ou seja, uma negação da memória. Sem ele, ela não é evocada. Acredito que neste ponto ele se aproxima do rito, uma ausência. Um vazio da memória, ecos do passado. Partindo desse pressuposto, o rito e o epitáfio mostram que a memória não dá conta de mostrar o grupo, posto a sua externalidade.

A externalidade atinge também a fotografia cimiterial. Ela também é uma negação da realidade. Os mortos são sempre apresentados ainda vivos, raros são as fotos de morto, no caso específico do cemitério em estudo só encontrei retratação de vivos. A lembrança é do vivo, pertence à categoria das representações. Como diz Cardoso, a imagem é uma representação, porque não é tal fato, tampouco é aquilo que representa (Cardoso 2005: 236-8). Sobre o assunto afirma Almeida:

A fotografia é uma suspensão do tempo, o registro de um momento congelado naquele instantâneo. Roland Barthes afirmou que fotografar um ser humano equivale a coisificá-lo. É certo. O retrato do defunto equivale à tradução de uma possibilidade de vida, de tornar real, o irreal, da permanência diante daquilo que é falível, ou seja, o registro da imagem do morto equivale a presença, à eternidade. A transformação em eterno ao congelamento para a posteridade. O uso das fotos em porcelana como decoração dos túmulos, muito embora, em sua maioria não seja o registro do morto após sua morte, muitas das vezes uma imagem feita em vida, em algum momento feliz ou significativo, segue a trilha dos retratos mortuários (Almeida, 2007: 292-3).

Continuando é importante frisar que a imagem é uma representação. Temos aí um ideal-tipo da sociedade. Ela se vê assim, não é um falseamento da realidade. Observa-se nas fotos acima detalhes do cotidiano das pessoas,

⁶ Epitáfios tumulares do Cemitério de São Miguel. Cidade de Goiás.

explicitados nas vestes, no uso do chapéu, no talhe do bigode, etc. A foto propõe um outro tempo, quando o indivíduo ainda estava vivo. Estas lembranças tornam “vivas” estas pessoas, a sua rememoração é o indicativo de suas “presenças”. Quem busca rememorar seus mortos, mostra que estes estão vivos em suas memórias. Novamente o cemitério deixa de ser um local de esquecimento e se transforma em lugar de memória. Mas por quê? O que está por traz destas lembranças, o que o leva a “eternizar” os seus mortos? Não tenho ainda uma resposta mais precisa, parece tratar de um desejo de imortalização daquele que está ali sepultado, sua memória será sempre lembrada pelos transeuntes do cemitério, de certa maneira uma personificação deste que já não no meio de nós. “É um recurso eficiente para se acionar a recordação. A consciência de que naquele lugar há um ser humano que habitou este mundo e cuja memória deverá sempre ser reatualizada e cultuada através daquela imagem” (Almeida, 2007: 294).

Concluindo, fica a satisfação de ter debatido e respondido algumas questões, mas muitas delas ainda terão de serem retomadas em um trabalho de mais longo fôlego, onde pretendo transforma-lo em capítulo de minha tese. Destas que merecem um cuidado mais preciso e acurado destaca-se o debate sobre memória, bem como a aplicação das reflexões ao estudo da arte tumular, dos adereços funerários, epitáfios, etc. Não consegui ainda fazer um estudo serial das características encontradas nas fotografias, como por exemplo: inocência, caráter, autoridade, alegria, posição social, de época, idade. Nem tampouco me ocupei em uma reflexão mais apurada sobre a história da fotografia, como um exemplo: *Pequena história da fotografia* (In: Benjamin, 1994: 91-107). Quanto aos adornos funerários e aos epitáfios as perguntas são também inúmeras. Além das questões de memória e de estilo, no caso dos epitáfios temos de refletir sobre produção, repetições, conteúdos – ensinamento, heróico, temperamento, etc, -. Na pesquisa *in loco* constatei que o uso da expressão “*Aqui jaz*” em diversos túmulos do cemitério de São Miguel. Ele poderia funcionar como uma espécie de testemunha: *Eu estava lá. Aqui jaz*. Confesso que não tenho condição de responder. Quais os motivos que levavam a continuação de sepultamentos nos arredores das igrejas mesmo depois da inauguração do cemitério? Por que o nome de São de Miguel de Alcântara? Muitas interrogações? Poucas respostas. Uma certeza, necessidade de exames mais aprofundados e muito trabalho pela frente. Empreitada que certamente exigirá um melhor embasamento teórico para voltar aos vários pontos aqui colocados e que merecem uma melhor explicação.

Fontes

Escritas:

GAZETA OFFICIAL DE GOYAZ. Ano I. nº 40. Sabbado 6 de Outubro de 1858. p.4. Exemplar micro-filmado existente no IPEH-BC. Goiânia-Go.

Livro 1º de Regulamentos expedidos pelo Presidente – 1858... Ano 1859. Regulamento para Cemitério. P. 10. Arquivo Histórico Estadual. Nº Atual do AHE: 380. Goiânia-Go.

Arquivo Histórico Estadual. Caixa Arquivo Irmandades. Goiânia-Go.

TELES, José Mendonça. *A imprensa matutina*. Goiânia: CERNE, 1989.

Testamento do Capitão Braz Alvares de Castro no Arraial de Anicuns. Livro de Testamento – 1842-52 de Goiás, folha 2. Exemplar foto-copiado existente no IPEH-BC. Goiânia-Go.

Iconográficas:

Fotos Cemitério de São Miguel: Arquivo particular do autor.

Bibliografia

Almeida, M. das G. *Morte, cultura, memória – múltiplas interseções: uma interpretação acerca dos cemitérios oitocentistas situados nas cidades do Porto e Belo Horizonte*. Belo Horizonte: UFMG, 2007. (Tese de Doutorado).

Ariès, P. *O homem diante da morte*. Trad. Luiza Ribeiro. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982. Vol. II.

Benjamin, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet; Pref. Jeanne Marie Gagnebin. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v. 1).

Bhaba, H. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 1ª reimpressão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

Cardoso, C. F. *Um historiador fala de teoria e metodologia: ensaios*. Bauru, Edusc, 2005.

Le Goff, J. *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão...[et al.]. 3ª ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1994.

Mastrogregori, M. Historiografia e tradição das lembranças. In: *A história escrita: teoria e história da historiografia*. Malerba, J. (org.). São Paulo: Contexto, 2006.

Moraes, C. de C. P. de. *As estratégias de purificação dos espaços na capital da província de Goiás – 1835-1843*. Goiânia: UFG. (Dissertação de Mestrado).

Ricoeur, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François [et al.]. Campinas: Ed. da Unicamp, 2007.

Vainfas, R. História das mentalidades e história cultural. In: *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). Rio de Janeiro: Campus, 1997.